

O POVO DE AVEIRO

DO POVO E PARA O POVO

PUBLICAÇÕES

Publica-se aos domingos

Annuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; annuncios permanentes, preços convencionaes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. — Redacção e administração, rua do Espirito Santo, 71.

N.º 401

Que nós, pela nossa parte, continuaremos protestando sempre.

Domingo voltaremos a falar de tão illustre personagem que tão *illustremente* falou em casa do sr. José Antunes de Azevedo, segundo refere o não menos *illustre Districto de Aveiro*.

De todas estas *illustrações* e de outras que lhes dizem respeito iremos tratando a pouco e pouco.

Deus nos ajude até domingo.

Tendo-nos constado que alguem dirigira ao *Seculo* qualquer coisa relativa ao *Povo de Aveiro*, declaramos terminantemente que nunca auctorisámos, nem auctorisámos, nem auctorisaremos as mais insignificantes relações com o papel da rua Formosa, que continúa e continuará tendo para nós a imputação que o publico conhece.

Ignorámos em absoluto o facto que nos referem, se é verdadeiro como suppomos. E fica feita a declaração d'uma vez para sempre.

REGISTANDO...

Dizia o sr. Luiz de Magalhães no sarau litterario:

"Não ha negal-o: São tristes os dias que atraxessamos. Dizem-n'o a melancolia dos grandes espiritos, a abstenção e retrahimento dos grandes caracteres, a indifferença provada da nação, o aborto, o insuccesso de todos os bons esforços individuaes:—dil-o mais do que tudo a consciencia de cada um, porque só a estupidez boçal ou o cynismo imprudente podem hoje entoar hymnos optimistas em frente do altar da Patria.

A Patria!.. Que valor tem hoje para nós esta expressão, esta palavra sagrada, esta alta noção moral, que foi uma das mais poderosas moles do grande drama da Historia? Que nos diz ella ao pensamento? que nos diz ella ao coração? que sentimentos lhe tributamos? que sacrificios lhe fazemos? de que dedicações a cercamos? quem arrisca por ella a sua vida e a sua fazenda? quem põe na estrada dos seus destinos o seu coração e a sua cabeça para que, sendo preciso, ella passe adiante, esmagando-os?

Foi tempo!... O utilitarismo moderno sorri scepticamente d'estes sentimentos idealistas. Chama-se já abertamente *ingenuidade de nossos paes* a essas tradições de exaltação patriótica, de desinteresse civico, de abnegação politica! E comtudo foi essa *ingenuidade*—santa *ingenuidade*!—que constituiu a grande força da geração liberal e é ainda hoje a sua mais pura gloria. Foi essa *ingenuidade* o segredo das virtudes e do seu heroismo; foi essa *ingenuidade* que nos deu a nossa...

em que nos sentimos perdidos, nos fulgem de longe, com o seu exemplo, como uma constellação salvadora!,"

Muito bem dicto. Foi tempo!... *O utilitarismo moderno sorri scepticamente d'estes sentimentos idealistas*. E por isso o sr. Luiz de Magalhães, em logar, não diremos de arriscar a sua fazenda, que é muita, mas de *ajudar* com ella a causa do povo, trabalha com ella e com o seu talento na causa do partido mais deshonorado d'este paiz: — o partido progressista. E por isso o sr. Luiz de Magalhães para não arriscar nada pela patria, nem pela liberdade, a ser *ingenuo* como seu pae, e como Mousinho da Silveira, e como Passos Manuel, e como Fernandes Thomaz, preferin ser *practico e commodo* como Oliveira Martins, seu amigo e mestre nas luctas da vida.

Santa coherencia dos homens!

"Ah! foi uma grande, uma heroica geração (perdõem-nos os *espiritos fortes!*) a geração d'esses *ingenuos!* A meio seculo de distancia as suas figuras tomam para nós proporções epicas. Parecem-nos lendas—essas vidas cheias de agitação e de febre, passadas entre perigos constantes, em sobresaltos continuos, em luctas sem tréguas, sem a menor preocupação de interesse pessoal e com os olhos fitos n'essa cousa vaga, sem preço, sem cotação, sem juro, sem beneficios materiaes de especie alguma—que se chama uma *ideia!*"

Muito bem dicto.

Parecem-nos lendas, é verdade. Quando a gente vê tanto rapaz sem abnegação e sem fé, sem vidas de agitação e de febre, na doce calma da cotação das adhesões progressistas e dos juro elevados d'um pavor aos governos.

Como é commodo não ter uma *ideia!*

"O meu coração vibra n'este momento de não sei que innominados e estranhos sentimentos—quando penso que ainda me escutam algumas venerandas reliquias d'essa geração, algumas testemunhas d'esses velhos e gloriosos dias, que á nossa alma abatida e fraca se afiguram como uma antiguidade homericas.

Revelae-nos a nós o vosso segredo, velhos *ingenuos*, companheiros dos heroes da epopeia liberal! Revelae-nos o segredo da vossa abnegação, da vossa crença, da vossa coragem, do vosso caracter inteiriço como o bronze! Dizei-nos como eram aquellas almas, como eram aquelles corações, que perdidas energias, que ignoradas fibras os constituíam e formavam! Dizei-nos como a vossa fé se não quebrantava ante as ameaças dos tyrannos, as violencias dos esbirros, e o espectro da força d'onde os cadaveres dos irmãos pendiam sinistramente; ante a tenacidade inexoravel das perseguições; ante os fatismas e a solidão; ante as miserias, as...

tudo isto, com a cabeça posta a premio, o baração prompto a receber-vos o pescoço, os bens confiscados, a familia gemendo nas enxovias, homisiada ou batida a monte—e bastando uma palavra de renuncia ás crenças affirmadas, bastando depôr aos pés do adversario a espada revoltada para que todos os transe e todos os soffrimentos cessassem—essa palavra vos não sahia dos labios e essa espada continuava erguida na vossa mão!

Sim! dae essa lição tremenda a estes filhos degenerados que teem aggravado os vicios do Passado sem lhe imitar as virtudes. Dae-nos esta lição, que bem precisamos d'ella!,"

A lição dêram-n'a elles. Mas... muito bem dicto! aos filhos degenerados não aproveitou a lição dos paes. Até quando as irmãs da caridade entraram em Aveiro para affrontar a memoria de José Estevão, os *filhos degenerados* não só não vieram aos comicios repellir essa grandissima affronta, como se zangaram ainda por cima quando o *Povo de Aveiro* escreveu que *elles viriam*. Sim, que viriam aqui cumprir o duplo dever de cidadãos e de filhos!

Se o sr. Luiz de Magalhães tivesse vindo, se soubesse os sacrificios enormes que se fizeram para que a memoria de seu pae ficasse honrada e respeitada até ao fim, se soffresse as calumnias e as perseguições d'um bando de quadrilheiros, que se dizem progressistas como s. ex.ª, se, não tendo cinco réis de fortuna, gastasse os centos de mil réis que os aveirenses pobres gastaram n'essa grande campanha, s. ex.ª não teria sem duvida um vivo reflexo das luctas dos nossos velhos paes, mas, emfim, sempre ficaria fazendo d'ellas melhor e mais completa idéa do que dizendo mal da monarchia ou dos homens que a servem e sendo monarchico e collaborador e amigo d'esses homens.

Não é nada o que nós hoje soffremos, porque as circunstancias são outras, comparado com o que soffreram os batalhadores do constitucionalismo portuguez. Entretanto, se as circunstancias variasse muito haveria quem soffresse o que elles soffreram e quem tivesse a coragem que elles tiveram. O que falta averiguar é se estes seriam os cidadãos benemeritos que já hoje arriscam toda a sua tranquillidade, posição e honra por um ideal de justiça, e se não raso contra os especuladores. sr. Luiz de Magalhães com a sua palavra e com aquelles que dizem e fazem d'aquillo que defendem camaradagem politica e convivencia intima na no jornal e na tribuna. Melhor mesmo em...

Muito bem dicto.

coherencia

te recebi do filho d'esse homem illustre, entre as mais perduráveis glorias da nação portugueza, o encargo igualmente honroso de deixar sobre a sepultura de Mendes Leite esta corôa, symbolo da veneração e da saudade do filho que, no mais querido amigo de seu pae, sentiu com entranhado amor um ultimo palpitar da immaculada nobreza de José Estevão. Luiz de Magalhães, como todos nós, não podia separar da glorificação de seu pae o homem que elle mesmo jámais separou do seu coração.

Meus senhores, se me fosse dado escolher um lugar para falar do homem de genio, perante cujas cinzas ajoelhamos n'esta hora, eu não quereria outro senão este mesmo campo santo, guardado por um véu impenetravel de amor, de paz, e de perdão: porque, quanto em José Estevão havia de humano, os seus combates, o seu talento e as suas ideias, tudo isso aos meus olhos se obscurece deante do que na sua alma havia de eterno e divino, deante da bondade que permanentemente lhe brotava do coração e que, com mão prodiga, espalhava em volta de si como um ardente vibrar de luz e de calor. Foi soldado, foi orador, luctou, padeceu e venceu. Que importa?! Ephemeras vaidades que o tempo leva! Não é deante de quem lucta, padecer e vence, que me curvarei; mas sim deante de quem viven na inspiração divina, deante d'aquelle que soube luctar sem crueldade, padecer sem odio e vencer sem vingança. A nossa vaidade quer insinuar-nos que foi a grandeza da causa que defendia que lhe illuminou o combate. Erro! Não eram esses pensamentos que lhe davam a luz; era a chamma d'amor em que se abraçava a sua alma incorruptivel, que engrandecia, e illuminava as suas acções. Beijemos pois este pó, e ponhamos todo o nosso orgulho, o orgulho da nossa terra e da nossa gente, em rojar-nos humildes deante das cinzas do mais amado dos nossos filhos, que foi a mais viva encarnação da verdade eterna.»

Bastaria registrar o que ali fica e mais nada. O discurso define o sr. Lima e o sr. Lima define o discurso. Um vale o outro.

Não deixaremos porém de accentuar que pela theoria estafurdia do sr. Lima não haveria *valor nem utilidade social no mundo*. Um homem póde ter alma *eterna e divina*, quantas *bondades* o sr. Lima deseja, e representar um valor nullo ou negativo na sociedade. Póde ter alma *mortal e humana*, ter *cabellos no coração* e representar pelas suas obras um elemento formidavel de civilisação, e um valor social de primeira ordem.

FORNHEIM

BRAS POR FORO DE HESPAHHA

IV

bras pé-terra atas barbudas

«... senhora,—exclamou—trance horroroso e andae-me açoutar servo mouro: as carnes com mentos; mas pae, que za de seu odera al-mil do-budas

Como typos de bondade temos o Lucio, o Julinho e o Silverinho das Flautas. Como typos de dureza temos o marquez de Pombal e D. João II. Para o sr. Lima vale mais o Silverinho das Flautas que o marquez de Pombal. Que dizer a isso, que não é o senso comum de mal com os homens?

Dizer-se de José Estevão: "Foi soldado, foi orador, luctou, padeceu e venceu—que importa?," é renegar todo o progresso humano. E' repellir as enormissimas conquistas e extraordinario triumpho da revolução franceza pelas atrocidades que commetteu. E' repellir a victoria dos liberaes portuguezes pelos excessos que produziu. E' pôr os trabalhos de todos os sabios, de todos os artistas, de todos os philosophos, de todos os litteratos abaixo das suas qualidades ou defeitos pessoases.

Newton foi boa pessoa? Galileu teve alma suave e doce? Camões, Byron, Voltaire, Shakspeare, Comte, etc, não mataram uma mosca? Se sim, sim. Para o sr. Lima são grandes homens. Se não, não. E' pouco todo o desprezo que o sr. Lima lhes possa votar. Os grandes trabalhos d'essas figuras homericas são um grão d'areia nas conquistas da civilisação.

Ora, sr. Lima, cebolorio para o seu discurso e para o seu bestunto. O melhor é v. ex.^a escrever e falar para os rabanetes do seu quintal.

Trate dos rabanos e deixe-se de litteratura.

Os firmimos manifestaram como sempre o seu espirito reaccionario e infame.

A camara municipal, que é d'elles, não fez nada, absolutamente nada, em favor do asseio da cidade e luzimento das festas.

A Praça Municipal estava pobremente embandeirada, como já dissémos no ultimo numero. A illumination d'esta praça no primeiro dia dos festejos foi uma vergonha.

Os malandros procuraram todos os meios de tirar á festa o character imponente que deveria ter. Assim, escreveram ás camaras municipaes do districto, da sua facção, para que não se fizessem representar no cortejo. E as camaras municipaes, as *dictas*, levaram a degradação até lhes obedecer! Aqui chegou a baixeza da canalha.

Um malandro, que dá pelo nome de fernando cego, fartou-se de encher o *Reporter*, de que foi correspondente nas festas, (*honrado jornal com tão honroso correspondente!*) com falsidades e insídias. Por exemplo, o malandro não viu ovações senão para os *Salvadores* e para o *Asylo Escola*, isto é, para a familia! O carro da marinha e pesca, um dos mais bellos do cortejo e dos que mais agrado produziram, tinha uma *ornamentação*

bolorenta de um lebréu desdentado.»

«Vendido cem vezes,—proseguiu o thesoureiro-mór, lavado em lagrimas e procurando abraçá-la pelos joelhos—eu não poderia apresentar n'este momento mais que a somma já dicta de duas mil e quinhentas dobras, e quinhentas barbudas, ainda que vossa mercê me mandasse assar vivo.»

«E's um louco, D. Judas!—interrompeu D. Leonor, afastando de si o juden, com um gesto de brandura.—Por uma miseria de pouco mais de quinhentas pé-terra, consentirás que Issachar, que teu pae, honrado velho! pragueje, nas ancias do potro, contra o Deus de Abraham, de Jacob e de Moysés?»

O thesoureiro-mór conservou por alguns momentos, catando a barra em que estava

anarchica e incomprehensivel. E isto simplesmente por que foi preparado sob a direcção dos nossos amigos Francisco Regalla e José Moreira!

Zé Forqueta tio, o malandrete mór, seguindo a escaira de tão honrado sobrinho, vomitou o banquete todo na latrina. Parece que as festas se reduziram ao banquete! Ainda bem que não vomitou mais nada. Isto é, também vomitou vivas ao rei e ao governo, vivas que ninguém ouviu!

Para o mesmo Zé Forqueta a maçonaria não teve ovações, nem Aveiro as permitiria porque é profundamente catholica.

Ha tantos annos que o miseravel toca o realejo da religião! E não vê que o estafou ha muito!

E eis o patriotismo que os malandros apregoam constantemente! Nos maus olhos com que viram estas festas desde o principio se acabou de provar o que vale esse patriotismo.

Sempre a escoria! Sempre a canalha!

Parece que os srs. regeneradores sempre teimam em metter no hospital um enfermeiro que de lá sahio por motivos deshonorosos.

Ai, que então é que nós vamos vêr se o papel da Vera Cruz sempre tinha alguma razão no que dizia!

Parece-nos que sim.

Pois nós lá vamos. E então veremos se é menos moralisadora a campanha que havemos de encetar contra os *puros* da regeneração do que aquella que encetámos contra os *puros* da Granja.

Nós lá vamos, que temos contas velhas a ajustar!

Pede-se ao sr. director das obras publicas o favor de mandar pregar umas pranchas de travessal na ponte da barra, para os carros poderem passar. Tanta pressa com a estrada do pharol e, no fim de contas, estando a estrada prompta ninguém se póde aproveitar d'ella, com grande prejuizo dos banhistas e dos donos dos trens.

Já que não arranjam a ponte convenientemente mandem-lhe ao menos pregar umas pranchas para os carros provisoriamente passarem e não obriguem os habitantes d'as casas junto ao pharol, as suas visitas, os seus amigos, e os individuos que vão de Aveiro tomar banho ao mar a percorrerem mais d'um kilometro a pé.

E' um serviço que não custa nada, que muito obsequieia a cidade e que por isso mesmo o sr. director das obras publicas, que é prestante e condescendente,

rarei obtê-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem á vossa partida.»

«Adeus, meu mui honrado D. Judas:—disse D. Leonor, sorrindo.—Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.»

Dicto isto, sahio pela mesma porta por onde sahira el-rei.

O juden estendeu os braços, com os punhos cerrados, para o reposteiro, que ainda ondeava, e levou-os depois á cabeça, d'onde trouxe uma boa porção de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fóra um saquitel pesado, sellado e numerado, e os dois mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcadas. Trouxe-os quatro vezes, empilhando-os aos centos e, como se as